Aula

6

O ATENEU E CONTO DE ESCOLA:
LITERATURA REALISTA E PRÁTICA PEDAGÓGICA

META

Discutir o compromisso do romance **O Ateneu** e do texto *Conto de escola* com a educação brasileira no século XIX.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
conhcecer e discutir a relação existente entre o tema do romance *O Ateneu* e a educação formal para a classe alta no Brasil do Segundo Império;
conhcecer e discutir a relação existente entre a temática do texto *Conto de escola* e a educação formal para a classe pobre no Brasil do Segundo Império;
discutir a relação existente entre literatura e pedagogia, através de *O Ateneu* e *Conto de escola.*

PRÉ-REQUISITOS

Leitura da 1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª aulas;
Leitura do romance *O Ateneu* de Raul Pompéia, da editora Scipione;
Leitura do texto *Conto de escola* do livro *Histórias sobre ética* da editora Ática, volume 27, página 17; uma leitura prévia dessas obras é essencial para a análise.

Página da obra O Atheneu em quadrinhos, uma adaptação da obra homônima de Raul Pompéia para os quadrinhos, feita pelo roteirista Ronaldo Antonelli e pelo artista Bira Dantas, para a coleção Literatura Brasileira em Quadrinhos, da editora Escala Educacional.
(Fonte: http://3.bp.blogspot.com)

INTRODUÇÃO

Prezado estudante, esta aula deseja algo mais além de fazer o estudo da literatura: quer refletir sobre o ensino de literatura.

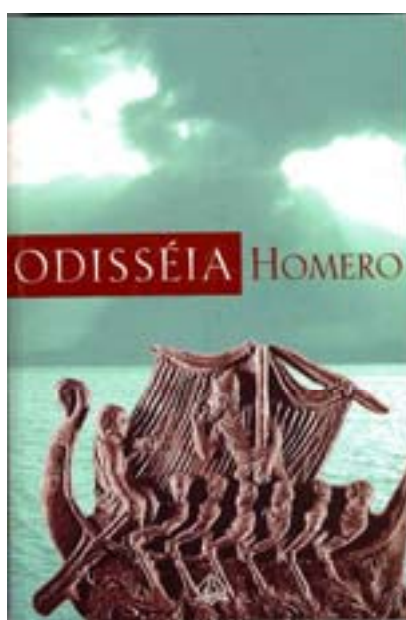
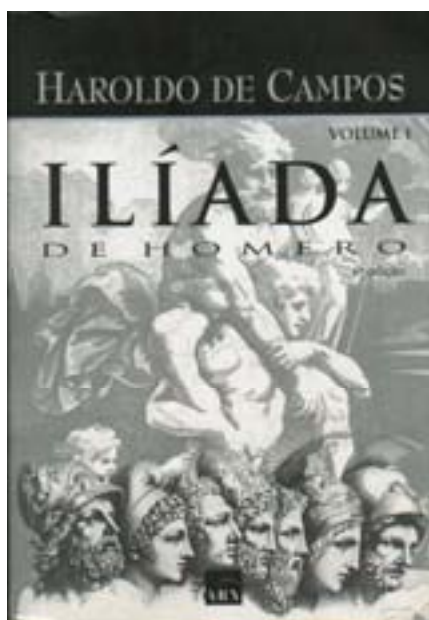
A literatura (assim como toda arte) tem um papel fundamental na vida do indivíduo, por isso ela pode e deve ser tratada como disciplina escolar. Precisa fazer parte da formação do homem. Para que ela possa cumprir sua função pedagógica plenamente é necessário que receba uma abordagem crítica em sala de aula, para que possa mostrar-se em todas as suas dimensões em seus diversificados olhares sobre o mundo. Somente assim, o ensino de literatura poderá libertar-se de práticas preconceituosas, inúteis e enfadonhas, e permitir que a literatura possa exercer sua função educativa, fundada, acima de tudo, no prazer de ler.

Por considerar que a literatura pode contribuir com a educação do cidadão, aproveitamos a oportunidade para aproximar dois expoentes da literatura realista brasileira que também pensavam assim, chegando a produzir obras que explicitam, em sua narrativa, os problemas decorrentes das características da educação formal no país. Assim veremos *O conto de escola* de Machado de Assis, em que um garoto pobre, na escola de bairro pobre, aprende, por experiência própria, e sofrendo nas mãos as tacadas da palmatória, conceitos como corrupção e delação; e *O Ateneu*, obra de Raul Pompéia, em que um garoto rico, interno de um famoso colégio da época, aprende, na própria pele, as regras do "grande mundo lá fora". E quais eram as regras daquela sociedade? Hipocrisia, prepotência econômica e política, usura e poder do dinheiro, dominação do mais forte sobre o mais fraco (os garotos maiores usavam sexualmente os menores)... Punições injustas aplicadas aos garotos pelo diretor do internato (escola).

(Conto da escola
Fonte: http://www.cce.ufsc.br).

LITERATURA REALISTA E PRÁTICA PEDAGÓGICA (O ATENEU: FUNÇÃO PEDAGÓGICA)

Caros estudantes, é muito prazeroso falar da literatura, ler literatura e discutir sobre o seu lugar na nossa vida. Vamos aprofundar um pouco essa discussão, observando nos textos sua função pedagógica.

Entre as várias funções que a literatura pode exercer, a função pedagógica é a mais antiga e a mais eficiente. Desde a antiguidade grega, no Ocidente, ela serviu para educar o povo. A sociedade tinha acesso à tradição cultural, suas lendas, sua mitologia, sua forma de governar e ser governado através da literatura. As primeiras obras literárias no Ocidente, a *Ilíada* e a *Odisséia,* foram responsáveis pela educação do homem grego e romano, e através dos séculos são obras de referência nas escolas.

Capas de edições brasileiras das obras Ilíada e Odisséia.
(Fontes: 1 - http://www.senado.gov.br; 2 - http://www.logosphera.com)

O romance *O Ateneu*, entre biografia e crítica da prática pedagógica formal desenvolvida no Colégio Abílio, um símbolo da educação para ricos no Brasil, na segunda metade do século XIX - "[...] de fato, os educandos do Ateneu significavam a fina flor da mocidade brasileira" - denuncia o autoritarismo da escola, a ambiguidade do ensino particular, na figura do diretor que enquanto administra o ensino "precisa" administrar a ambição pelo lucro. A denúncia da promiscuidade sexual do internato e talvez a revolta da vítima, são feitas pela literatura (a obra literária) abordando a realidade por um ângulo universal, enquanto se apoia no particular: uma experiência pedagógica no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX.

Enquanto *O Ateneu* nos remete para uma experiência negativa, em que se aprende o que há de negativo no ser humano e na sociedade (e isto é a escola!), outra realidade se nos apresenta também no Rio de Janeiro e na mesma época. Trata-se da obra *Conto de escola*. Abordando uma prática retrógrada de orientar-punir a criança (aluno), a escola de bairro pobre - criada para pobres- mantém uma tradicional forma negativa, hoje, para educar suas crianças: através da palmatória, da humilhação e do desrespeito à infância e à adolescência. As crianças aprendem valores morais pela prática da infração a esses valores, e pelo castigo público que a escola lhes impõe como correção do comportamento. É lamentável que o conto não aprofunde essa discussão sobre a função pedagógica da escola e da literatura.

O Ateneu - livro de reminiscências de tom amargo e saudosista - apesar disso não se pode dizer que é romântico, absorve muito mais os influxos do Naturalismo sem desenvolver totalmente seus princípios. A obra tem uma posição especial na literatura brasileira: valoriza a infância (o passado) situa-se como narrativa, no presente (do narrador), aborda a realidade de forma direta e documental-realista, e enfoca problemas de degradação moral e social, como abuso sexual na infância e adolescência, homossexualismo. É uma grande obra literária, porque a especificidade do literário se encontra é na linguagem, na forma como é elaborada a obra. A temática pode ser tratada por outro tipo de saber. E a linguagem da obra é artisticamente trabalhada, na organização e no ritmo da frase; no discurso saudosista, objetivo e emocionado do narrador; na descrição clara, direta e visual pondo no quadro suas impressões.

Na obra *O Ateneu*, o autor projeta suas impressões pessoais do passado, e tenta retratá-las com objetividade, através da personagem Sérgio. Todavia, perde sua impessoalidade quando se deixa influenciar pelas impressões de menino, que registrou o ambiente corrupto, cheio de vícios, que marcaram sua infância e de outras crianças que estudaram no Ateneu. A deformação do caráter das personagens, as descrições e as análises de cunho psicológico caracterizam a obra.

Agora vamos fazer uma reflexão sobre este tema a partir dos fragmentos da obra *O Ateneu*.

Fragmento 1

Capítulo - IX

> Uma atenção absorveu-me exclusiva e única. D. Ema reconheceu-me: era aquele pequeno das madeixas compridas! Conversou muito comigo. Um fiapo branco pousava-me ao ombro do uniforme; a boa senhora tomou-o finamente entre os dedos, soltou-o e mostrou-me sorrindo, o fio levíssimo a cair lentamente no ar calmo... Estava desenvolvido! Que diferença do que era há dois anos. Tinha idéia de haver estado comigo rapidamente, no dia da exposição artística...

- Um peraltinha! Interrompeu Aristarco, entre mordaz e condescendente, de uma janela a cujo vão conversava com o Professor Crisóstomo.
Eu quis inventar uma boa réplica sem grosseria, mas a senhora me prendia a mão nas dela, maternalmente, suavemente, de tal modo que me prendia a vivacidade também, prendia-me todo, como se eu existisse apenas naquela mão retida.
Depois da interrupção de Aristarco, não sai mais nada precisamente do que se passou na tarde.
Miragem sedutora de branco, fartos cabelos negros colhidos para o alto com infinita graça, uma rosa nos cabelos, vermelha como um grito de triunfo. Nada mais. Ramalhetes à mesa, um caldo ardente, e sempre a obsessão adorável do branco e a rosa vermelha.
Estava a meu lado, pertinho, deslumbrante, o vestuário de neve. Serviam-me alguns pratos, muitas carícias; eu devorava as carícias; não ousava erguer a vista. Uma vez ensaiei. Havia sobre mim dois olhos perturbadores, vertendo a noite.
(POMPÉIA, Raul. **O Ateneu – crônica de saudades**. São Paulo: Scipione, 1995.)

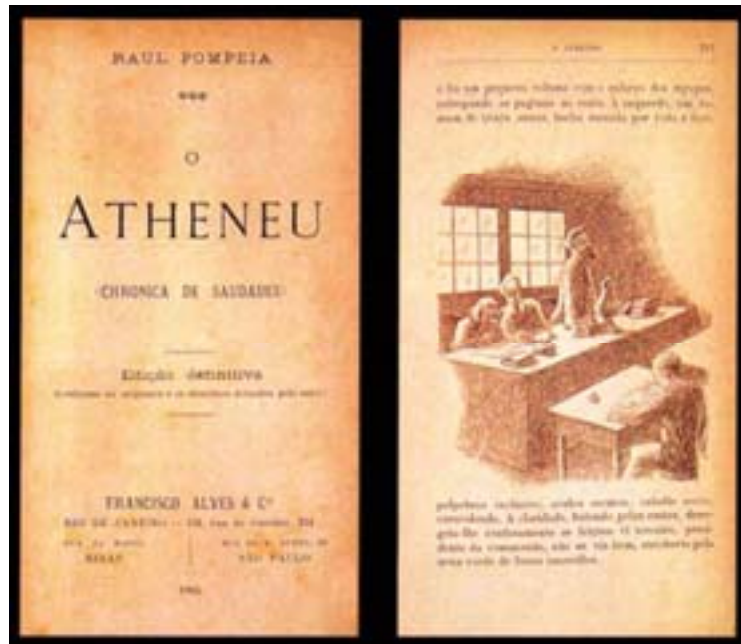
ATIVIDADES

Vamos observar os traços de objetividade e de subjetividade na obra *O Ateneu* que a tornaram especial em relação aos estilos literários da segunda metade do século XIX.

COMENTÁRIO SOBRES AS ATIVIDADES

Na literatura domina a subjetividade, no entanto a literatura realista procura tratar a realidade de forma objetiva a fim de se aproximar ao máximo do elemento que deseja retratar. *O Ateneu* é uma obra especial, reúne traços dos estilos do Naturalismo, Romantismos e do Realismo, mas não pertence totalmente a um estilo específico

Fragmento 2:

Abriam-se as aulas a 15 de fevereiro.
De manhã, à hora regulamentar, compareci. O diretor, no escritório do estabelecimento, ocupava uma cadeira rotativa junto à mesa de trabalho. Sobre a mesa, um grande livro abria-se em colunas maciças de escrituração e linhas encarnadas.

O Ateneu.

Soldavam-se nele o educador e o empresário com uma perfeição rigorosa de acordo, dois da mesma medalha: opostos, mas justapostos. Quando meu pai entrou comigo, havia no semblante de Aristarco uma pontinha de aborrecimento. Decepção talvez de estatística; o número mero de estudantes novos não compensando o número de perdidos, as novas entradas não contrabalanceando as despesas do fim de ano. Mas a sombra de despeito apagou-se logo, como o resto de túnica que apenas tarda a sumir-se numa mutação à vista; e foi com uma explosão de contentamento que o diretor nos acolheu.
Sua diplomacia dividia-se por escaninhos numerados, segundo a categoria da recepção que queria dispensar. Ele tinha maneiras de todos os graus, segundo a condição social da pessoa. As simpatias verdadeiras eram raras. No âmago de cada sorriso morava-lhe um segredo de frieza que se percebia bem. E duramente se marcavam distinções políticas, distinções financeiras, distinções baseadas na crônica escolar do discípulo, baseada na razão discreta das notas do guarda-livros. Às vezes, uma criança sentia a alfinetada no jeito da

> mão beijar. Saia indagando consigo o motivo daquilo, que não achava em suas contas escolares... O pai estava dois trimestres atrasado. Por diversas causas a minha recepção devia ser das melhores. Efetivamente; Aristarco levantou-se ao nosso encontro e nos conduziu à sala especial das visitas.

ATIVIDADES

Procure traços de ambiguidade nas atitudes de Aristarco, personagem da obra *O Ateneu*. Verifique que por um lado ele é um educador e por outro é um empresário da educação.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Aristarco é diretor de uma escola particular do século XIX. É dono de uma escola para atender interesses da burguesia condutora do sistema liberal capitalista.

Fragmento 3

> Nas ocasiões de aparato é que se podia tornar o pulso ao homem. Não só as condecorações gritavam-lhe do peito com uma couraça de grilos: Ateneu! Ateneu! Aristarco todo era um anúncio. Os gestos calmos, soberanos, eram de um autocrata excelso dos silabários; a pausa hierática do andar deixava sentir o esforço, a cada passo, que ele fazia para levar adiante, de empurrão, o progresso do ensino público; o olhar fulgurante, sob a crispação áspera dos supercílios de monstro japonês, penetrando de luz as almas circunstantes_ era a educação da inteligência; o queixo, severamente escanhoado, de orelha a orelha, lembrava a lisura das consciências limpas¬_ era a educação moral. A própria estrutura, na estatura, na imobilidade do gesto, na mudez do vulto, a simples estrutura dizia dele: aqui esta um grande homem... não vêem os côvados de Golias?!... Retorça-se sobre tudo isso um par de bigodes, volutas maciças de fios alvos, torneados a capricho, cobrindo os lábios fecho de prata sobre o silencio de ouro, que tão belamente impunha como o retraimento fecundo do seu espírito, teremos esboçado, moralmente, materialmente, o perfil do ilustre diretor.
> (POMPÉIA, Raul. **O Ateneu – crônica de saudades.** São Paulo: Scipione, 1995.)

ATIVIDADES

Observe e transcreva do texto trechos em que o procedimento descritivo confere à linguagem grande subjetividade e, ao mesmo tempo, compromisso com a objetividade realista na elaboração do retrato do diretor.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

A descrição é um procedimento importante na técnica realista. Pelo procedimento descritivo forma-se o quadro, a cena, o retrato; é também utilizado para analisar o objeto de estudo. Quanto mais minuciosa a descrição, mais rico de detalhes fica o objeto descrito, e mais próximo da realidade.

Fragmento 4

> A mais terrível das instituições do Ateneu não era a famosa justiça do arbítrio, não era ainda a cafua, asilo das trevas e do soluço, sanção das culpas enormes. Era o Livro das notas.
> Todas as manhãs, infalivelmente, perante o colégio em peso, congregado para o primeiro almoço, às oito horas, o diretor aparecia a uma porta, com a solenidade tarda das aparições, e abria o memorial das partes.
> Um livro de lembranças comprido e grosso, capa de couro, rótulo vermelho na capa, ângulos do mesmo sangue. Na véspera cada professor, na ordem do horário, deixava ali a observação relativa à diligência dos seus discípulos. Era o nosso jornalismo. Do livro aberto, como a sombra das caixas encantadas dos contos de maravilha, nascia, surgia, avultava, impunha-se a opinião do Ateneu. Rainha caprichosa e incerta, tiranizava essa opinião sem corretivo como os tribunais supremos. O temível noticiário, redigido ao sabor da justiça suspeita de professores, muita vez despedidos por violentos, ignorantes, odiosos, imorais, erigia-se em censura irremissível de reputações. O julgador podia ser posto fora por uma evidenciação concludente dos seus defeitos; a difamação estampada era irrevogável.
> [...]
> Com exceção dos privilegiados, os vigilantes, os amigos do peito, os que dormiam à sombra de uma reputação habilmente arranjada por um justo conchavo de trabalho e cativante doçura, havia para todos uma expectativa de terror antes da leitura das notas. O livro era um mistério.
> (POMPÉIA, Raul. O Ateneu – crônica de saudades. São Paulo: Scipione, 1995.)

Comente a relação existente entre escola e sociedade, a partir da leitura do texto acima.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

A escola, especialmente destinada às pessoas de posses da sociedade brasileira, era um recinto de falsidades, hipocrisia, autoritarismo, desrespeito ao ser humano, degradação moral... Uma espécie de símbolo da própria sociedade que a cultivava e mantinha.

Fragmento 5

> Os companheiros de classe eram cerca de vinte; uma variedade de tipos que me divertia. O Gualtério, miúdo, redondo de costas, cabelos revoltos, motilidade brusca e caretas de símio - palhaço dos outros, como dizia o professor; o Nascimento, o bicanca, alongado por um modelo geral de pelicano, nariz esbelto, curvo e largo como uma foice; o Álvares, moreno, cenho, carregado, cabeleira espessa e untosa de vate de taverna, violento e estúpido [...]; o Almedinha, claro, translúcido, rosto de menina, faces de um rosa doentio, que se levantava para ir à pedra com um vagar lânguido de convalescente; o Maurílio, nervoso, insofrido, fortíssimo em tabuada; cinco vezes três, vezes dois, noves fora, vezes sete?... lá estava Maurílio, trêmulo, sacudindo no ar o dedinho esperto... olhos fúlgidos no rosto moreno, marcado por uma pinta na testa; o Negrão, de ventas acesas, lábios inquietos, fisionomia agreste de cabra, canhoto e anguloso, incapaz de ficar sentado três minutos, sempre à mesa do professor e sempre enxotado, debulhando um risinho de pouca-vergonha, fazendo agrados ao mestre [...]; Batista Carlos, raça de bugre, válido, de má cara, coçando-se muito, como se o incomodasse a roupa no corpo, alheio às coisas da aula como se não tivesse nada com aquilo, espreitando apenas o professor para aproveitar as distrações e ferir a orelha aos vizinhos com uma seta de papel dobrado.
> (POMPÉIA, Raul. O Ateneu – crônica de saudades. São Paulo: Scipione, 1995.)

ATIVIDADES

No texto acima, procure observar aspectos do Naturalismo expressos nos procedimentos comparativos da linguagem.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Literatura é linguagem, e na linguagem é que se concretizam os interesses e as intenções narrativas. Nela podemos detectar o estilo literário e o estilo do escritor (individual). Na seleção vocabular (escolha das palavras) e nos recursos expressivos a linguagem articula os temas da obra.

As ilustrações que compõem a história fazem parte da composição narrativa e foram feitas pelo próprio escritor. Com exceção da figura de D. Ema - a Mãe ou Ame, na forma do anagrama - que traduz meiguice, ternura e tranqüilidade (e também sensualidade) para o garoto Sérgio, as outras gravuras exprimem medo, e pavor mesmo, daquele ambiente "educacional".

Depois desse contato reflexivo e prazeroso com o Ateneu vamos experimentar mais um pouco dessa linguagem especial e de sua relação com a educação, por meio do conto *Conto de escola*.

"Subi a escada com cautela para não ser ouvido do mestre, e cheguei a tempo; ele entrou na sala três ou quatro minutos depois."

(Conto de escola)

Conto de escola revela seu caráter didático na intenção de ensinar posturas éticas: através da ficção, através de um conto infanto-juvenil, e através da figura da escola/professor.

Lendo *Conto de escola* podemos nos perguntar se a literatura educa, e responder que sim. Ela educa. Só depende do modo como é lida e trabalhada na escola. Se na sala de aula ela conseguir unir sensibilidade e conhecimento. Para isso é necessário adotar uma pedagogia de diálogo e de partilha. É preciso indagar sobre o sentido e a finalidade da literatura e do seu ensino. Procurar ver em que consiste sua natureza educativa.

Observando o conto podemos, como leitor, refletir sobre nossa rotina e incorporar novas experiências... Cotejar nossas conclusões com as de outros leitores e discutir posturas adotadas. Vamos ler o *Conto de escola* e construir com ele novos sentidos, aproveitando sua experiência de vida.

Fragmento 1

Conto de escola
- Seu Pilar... murmurou ele daí a alguns minutos.
- Que é?
- Você...
- Você quê?
Ele deitou os olhos ao pai, e depois a alguns outros meninos. Um destes, o Curvelo, olhava para ele, desconfiado, e o Raimundo, notando-me essa circunstancia, pediu alguns minutos mais de espera. Confesso que começava a arder de curiosidade, olhei para o Curvelo, e vi que parecia atento; podia ser uma simples curiosidade vaga, natural indiscrição; mas podia ser também alguma coisa entre eles. Esse Curvelo era um pouco levado do diabo. Tinha onze anos, era mais velho que nós.
p.19.

Capa de Conto de Escola

Os dois garotos sabiam que estavam agindo de modo suspeito, mas foram em frente no acordo de escrever o texto por algumas moedas:

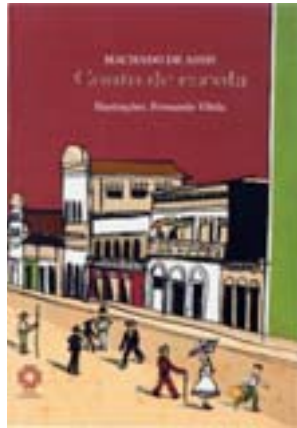
Fragmento 2

- Tome, tome...
Relancei os olhos pela sala, e dei com os do Curvelo em nós; disse ao Raimundo que esperasse. Pareceu-me que o outro nos observava, então

dissimulei; mas daí a pouco, deitei-lhe outra vez o olho, e – tanto se ilude a vontade! – não lhe vi mais nada. Então cobrei o animo.

- Dê cá...

Raimundo deu-me a pratinha, sorrateiramente; eu meti-a na algibeira das calças, com um alvoroço que não posso definir.

p.23.]

Conto de Escola

O terceiro aluno, o Curvelo entra no jogo como delator – outra atitude desaconselhável para criança. Mas o espaço da escola é lugar de reprodução dos valores cultivados pela sociedade, isso deixa clara a intenção do conto.

Fragmento 3

> De repente, olhei para o Curvelo e estremeci; tinha os olhos em nós, com um riso que me pareceu mau. Disfarcei: mas daí a pouco, voltando-me outra vez para ele, achei-o do mesmo modo, com o mesmo ar, acrescendo que entrava a remexer-se no banco, impaciente. Sorri para ele e ele não sorriu; ao contrário, franziu a testa, o que lhe deu um aspecto ameaçador. O coração bateu-me muito p.24.

Fragmento 4

> - Oh! seu Pilar!, bradou o mestre com voz de trovão.
> Estremeci como se acordasse de um sonho, e levantei-me às pressas. Dei com o mestre, olhando para mim, cara fechada, jornais dispersos, e ao pé da mesa, em pé o Curvelo. Pareceu-me adivinhar tudo.
> - Venha cá!, bradou o mestre.
> Fui e parei diante dele. Ele enterrou-me pela consciência dentro um par de olhos pontudos; depois chamou o filho. Toda a escola tinha parado; ninguém mais lia, ninguém fazia um só movimento. Eu, conquanto não tirasse os olhos do mestre, sentia no ar a curiosidade e o pavor de todos.

- Então o senhor recebe dinheiro para ensinar as lições aos outros?, disse-me o Policarpo.
- Eu...
- Dê cá a moeda que este seu colega lhe deu!, clamou.
- Perdão, seu mestre... solucei eu.
- Não há perdão! Dê cá a mão! dê cá! vamos! sem-ver-gonha! dê cá a mão!
- Mas, seu mestre...
- Olhe que é pior!

Estendi-lhe a mão direita, depois a esquerda, e fui recebendo os bolos uns por cima dos outros, até completar doze, que me deixaram as palmas vermelhas e inchadas. Chegou a vez do filho, e foi a mesma coisa; não lhe poupou nada, dois, quatro, oito, doze bolos. Acabou, pregou-nos outro sermão. Chamou-nos sem-vergonhas, desaforados, e jurou que, se repetíssemos o negócio, apanharíamos tal castigo que nos havia de lembrar para todo o sempre. E exclamava: Porcalhões! tratantes! falsos de brio!

Eu, por mim, tinha a cara no chão. Não ousava fitar ninguém, sentia todos os olhos em nós. Recolhi-me ao banco, soluçando, fustigado pelos impropérios do mestre. Na sala arquejava o terror; posso dizer que naquele dia ninguém faria igual negócio.

O professor tem atitude ambígua: enquanto parece defender uma pedagogia ética ou uma ética pedagógica, age como senhor do destino daquelas crianças, substituindo o diálogo educativo pelo castigo grosseiro e arrogante de quem não reconhece o direito do outro.

CONCLUSÃO

Cumprindo o propósito de tratar a realidade como ela é no momento em que é observada e analisada, a literatura realista abordou problemas sociais, políticos, econômicos, filosóficos e científicos, e não poderia deixar de fora questões educacionais. Assim, Raul Pompéia e machado de Assis tronaram especiais ao mostrar essa realidade no Brasil. Raul Pompéia em *o Ateneu* o fez de forma contundente e crítica, e Machado em *Conto de escola* empregou o humor e a ironia de forma discreta, sem apontar responsáveis pelo problema, mas apontando para o sistema educacional, em que na verdade revelava os hábitos de uma sociedade retrógada e tradicional.

E a literatura com seu poder de ir além dos fatos comuns e da linguagem comum, encaminha o leitor para um mundo de ficção fantasiosa, construindo um universo capaz de oferecer–lhe um mundo novo, com novas e melhores possibilidades de ver e viver a vida, pelo estímulo que lhe passa, pelo prazer e pela esperança no futuro.

RESUMO

A aula aborda o estudo da obra realista de Raul Pompéia, *O Ateneu* e o conto de Machado de Assis *Conto de escola*, verificando como essas obras literárias relacionam-se com a educação e exercem uma função pedagógica. A análise concentrou-se na temática e na linguagem e procurou discutir a contribuição delas para a literatura e para a educação brasileira, naquele momento e ainda hoje. As duas obras consideram a escola um espaço formal de aprendizagem, abordada como símbolo da educação do país.

Na escola para ricos predominam a ambição, a dissimulação, a promiscuidade, a hipocrisia, o autoritarismo e o desrespeito pelo outro. Na escola para os pobres, dominam a simplicidade, também a dissimulação, a iniciação à quebra de valores morais (corrupção, delação), o autoritarismo e a prepotência do mais forte sobre o mais fraco (professor X aluno); e ao contrário do romance, que exacerba a crítica direta e impiedosa, o conto procura esconder, ou amaciar o problema apelando para a capacidade de distração da infância, que esquece tudo por uma possibilidade de brincar na rua. E a literatura, de modo contundente, denunciando (*O Ateneu*) ou confirmando humoristicamente a realidade (*Conto de escola*), vai registrando a vida e nos ajudando a refletir sobre nós mesmos. A literatura brasileira realista procurou cumprir sua "vontade" de transformar a realidade, ao discutir e ao nos instigar a ter um olhar crítico sobre ela (a realidade).

ATIVIDADES

Reúna-se com seus colegas no *chat* em uma discussão a respeito da ética na prática pedagógica atual, em seguida escreva um texto de 12 a 20 linhas comentando as ações do professor Policarpo, personagem do *Conto de escola*.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Machado de Assis não critica a intolerância do professor, ao contrário parece reconhecer que o mestre tem todo o poder. E a criança apanhou, perdeu a moeda, foi exposta à humilhação, mas isso é nada, afinal é criança, e se consolará com as próximas brincadeiras. É possível que tenha aprendido nas mãos doídas o que poderia aprender com o diálogo aberto entre professor e aluno, utilizando a pedagogia do amor e um modelo de ética profissional.

PRÓXIMA AULA

Literatura e teatro naturalistas no Brasil: Aluísio Azevedo e Artur Azevedo. Para um melhor aproveitamento da aula que segue faça uma breve pesquisa sobre Aluísio de Azevedo e sua obra no site: www.bibvirt.futuro.usp.br/.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de et. Conto de escola in: **Histórias sobre ética**. vol. 27. São Paulo: Ática, 1999.p. 17.

AGUIAR E SILVA, Victor Manuel. As funções da literatura. In: **Teoria da Literatura**. Lisboa: Almeidina, 1974.

BECKER, Fernando. **Educação e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

POMPÉIA, Raul. **O Ateneu – crônica de saudades**. São Paulo: Scipione, 1995.

PERROTI, Edmir. **O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo: Ícone, 1986.